

HISTORIA NATURAL

Tercera Serie | Volumen 13 (1) | 2023/5-12

Número dedicado a la Historia de las Ciencias Naturales

MARIANNE NORTH: UMA VIAJANTE VITORIANA DE PASSAGEM PELO BRASIL

Marianne North: A Victorian traveler passing through Brazil

Tatiane Barbosa Martins¹ e Julian Cristian Gonçalves Silva Junior²

¹Laboratório de História e Teoria da Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Av. Bandeirantes, 3900, Vila Monte Alegre, Ribeirão Preto, Brasil. tatianebarbosa.m@gmail.com

²Laboratório de Paleontologia de Ribeirão Preto, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Av. Bandeirantes, 3900 - Vila Monte Alegre, Ribeirão Preto, Brasil. juliancristiangoncalves@gmail.com

AZARA
FUNDACIÓN DE HISTORIA NATURAL

umai Universidad
Maimónides

Resumo. Marianne North (1830-1890) foi uma artista vitoriana inglesa. Realizou diversas viagens ao exterior e se destacou por suas pinturas de plantas, paisagens e seus escritos. North se sobressaiu por partir em expedições, quase sempre sozinha, para a regiões pouco exploradas ou consideradas impróprias para sua posição social e sexo, o que contrastava com os padrões de comportamento de outras mulheres de sua época. Marianne, no término de suas viagens, financiou a própria criação de sua galeria no *Royal Botanic Gardens*. Algumas das espécimes retratadas por ela foram posteriormente identificadas como espécies inéditas e nomeadas em sua homenagem. North, por fim, se evidenciou por pinturas que fugiam da norma técnica da época, mostrando suas plantas não apenas como objetos inanimados, mas como indivíduos vivos que se relacionam ativamente em seu meio.

Palavras-chave. Pintora vitoriana, Botânica, Viagem ao Brasil, Royal Botanic Gardens.

Abstract. Marianne North (1830-1890) was an English Victorian artist. She undertook numerous overseas trips and was known for her paintings of plants, landscapes, and writings. North stood out for embarking on expeditions, almost always alone, to regions that were little explored or considered inappropriate for her social position and gender, which contrasted with the behavioral standards of other women of her time. At the end of her travels, Marianne financed the creation of her own gallery in the *Royal Botanic Gardens*. Some of the specimens portrayed by her were later identified as unpublished species and named in her honor. Finally, North was distinguished by paintings that deviated from the technical norm of the time, showing her plants not only as inanimate objects but as living individuals that actively relate to their environment.

Keywords. Victorian painter, Botany, Travel to Brazil, Royal Botanic Gardens.

INTRODUÇÃO

Filha de Janet North e Frederick North (1800-1869), Marianne North nasceu na cidade costeira de Hastings, Inglaterra, em 1830. Seu pai, ao tornar-se membro do Parlamento inglês em 1830, realizava viagens frequentes por causa de seu cargo e, por esse motivo, Marianne costumava acompanhá-lo no trabalho. Devido ao seu desinteresse pelo ensino escolar em geral, ela recebeu apenas uma educação básica (North, 1894a) e no começo de sua juventude mostrou um interesse especial em música e pintura (Ponsoby, 2009). Apesar de ter tido contato com diversos professores, foi com Robert Dowling (1827-1886), pintor colonialista australiano, que Marianne aprendeu a pintura a óleo, o que segundo ela se tornou “um vício, como a bebida alcoólica, quase impossível de largar quando se apodera de você” (North, 1894a: 35).

Aos 16 anos de idade, a botânica foi apresentada a Marianne. Essa disciplina era aprovada para moças e mulheres vitorianas, onde as mesmas podiam se reunir para coletar, cultivar, ilustrar e discutir sobre as plan-

tas de seus próprios jardins e redondezas (Shteir, 1996; Losano, 1997). Sua introdução a essa disciplina também foi proporcionada pelo fato de seu pai ser amigo de Sir William Hooker (1785-1865), botânico e então diretor do Jardim Botânico Real em Kew, Londres, facilitando seu acesso aos jardins (North, 1894a: 94).

Ao longo dos anos, Marianne viveu a vida ociosa típica de mulheres vitorianas, e foi somente após a morte de sua mãe em 1855 que realizou suas primeiras viagens fora do Reino Unido, tendo visitado com seu pai Turquia e Egito (Middleton, 2004).

Marianne matinha uma relação muito próxima com seu pai, a quem chamava de “único ídolo e amigo da minha vida” (North, 1894a: 5) e sua morte em 1869 foi um grande choque. Dois anos após a morte de seu pai, aos 41 anos, North vendeu a casa de Hastings e dedicou-se à pintura botânica. Decidiu cumprir com o velho desejo de “visitar algum país tropical e pintar sua vegetação peculiar e beleza luxuriante” (North, 1894a: 39). Assim, ela deu início a uma série de viagens em busca de plantas e flores para retratar.



Figura 1 - Diferentes retratos de Marianne North durante sua vida. Fuente: Royal Botanic Gardens, Kew. 2018. Marianne North: the Kew Collection. London: Kew Publishing.

Sua posição social, herança e relação próxima com Sir William Hooker, garantia a ela acesso a uma ampla rede de contatos nos mais variados países, tornando possível suas viagens futuras (Morgan, 1996; Kerrigan, 2010). Ao todo foram feitas nove excursões ao longo de 16 anos, nas quais Marianne North viajava quase sempre sozinha (Dickenson, 2000).

A primeira expedição foi aos Estados Unidos e Canadá em 1871, onde conheceu Elizabeth Agassiz (1822-1907), casada com o naturalista Louis Agassiz (1807-1873), autores do livro *A Journey to Brazil* (1868). Segundo Marianne, o casal Agassiz a inspirou com “as maravilhas e os encantos da região com sua famosa expedição amazônica” (North, 1894a: 68). Esse encontro, de acordo com Anka Ryell (2008: 9), foi um dos momentos chave para sua futura carreira como viajante, pintora e botânica. Após essas viagens, também foi a Jamaica e ao Caribe. North partiria para o Brasil em 1872.

Marianne North faleceu em 30 de agosto de 1890, aos 59 anos, em Gloucestershire, Inglaterra, devido a complicações hepáticas.

VIAGEM AO BRASIL (1872-1873)

Ao longo do século XIX, muitos viajantes chegaram ao continente americano procurando novos lugares para comercialização, trabalho, extração de recursos naturais, dentre outros. De profissão, classe social e formação intelectual variada, muitos descreviam relatos de suas impressões e lugares visitados, através de crônicas, correspondência, memórias, diários, álbuns de desenhos. Com Marianne North não foi diferente. Além de levar seu caderno de desenhos, carregava consigo seu diário para registrar suas impressões sobre os povos e lugares visitados.

Marianne desembarcou no Rio de Janeiro em setembro de 1872 e se encantou ra-

pidamente com a beleza da região, dizendo que “era a paisagem marítima mais bonita do mundo: mesmo Nápoles e Palermo devem se contentar em ficar em segundo lugar no ponto de beleza natural” (North, 1894a: 116).

Ela passou seus dias pintando a vegetação local, principalmente espécimes do Jardim Botânico, realizou visitas a pontos turísticos típicos da cidade como o Corcovado e Pão-de-Açúcar. Visitou também a serra, na região de Petrópolis. Em seguida, Marianne partiu para o estado de Minas Gerais, a convite de uma família que conheceu ainda no Rio de Janeiro (North, 1894a: 156).

Sua viagem dentro do Brasil se estendeu por 8 meses. North conheceu a região centro/sudeste de Minas Gerais, chamando-a de *Brazilian highlands* em suas memórias. Também descreveu diversos acontecimentos notáveis em seus diários, desde encontros com animais e plantas exóticas até relatos sobre costumes e culinária local. Uma ocasião significativa foi seu encontro com o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), o qual julgou um “cavalheiro [...] cheio de informações sobre assuntos gerais [...] seu jardim era cheio de plantas raras e outras curiosidades, coletadas e plantadas por ele mesmo” (North, 1894a: 167).

Ao retornar para o Rio de Janeiro, por intermédio de um conhecido, Marianne visitou duas vezes a Família Imperial Brasileira. Ela caracterizou Dom Pedro II como “eminentemente um cavalheiro e cheio de informações e conhecimentos gerais sobre todos os assuntos. Ele vive mais a vida de um estudante do que aquela a que os príncipes comuns se condenam” (North, 1894a: 184). Ainda em suas anotações, Marianne disse que Dom Pedro a teria ajudado a identificar algumas plantas em suas pinturas.

A viagem ao Brasil rendeu mais de 100 quadros (exemplos na Figura 2). Infelizmente, a maioria deles não possui detalhes sobre a localização, além de “Brasil”.

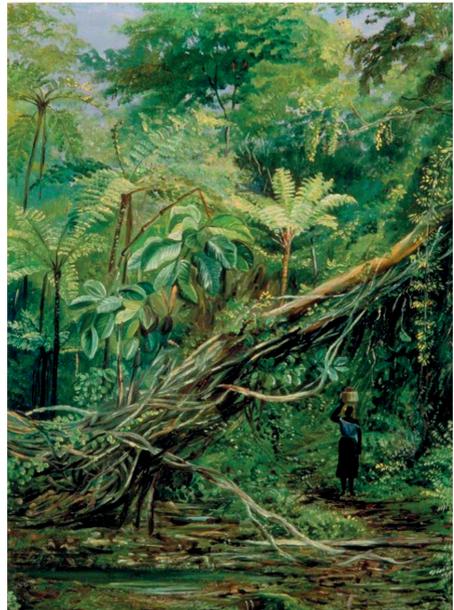
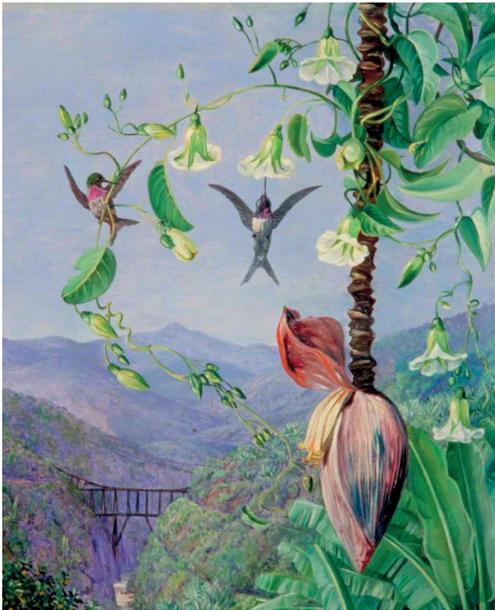
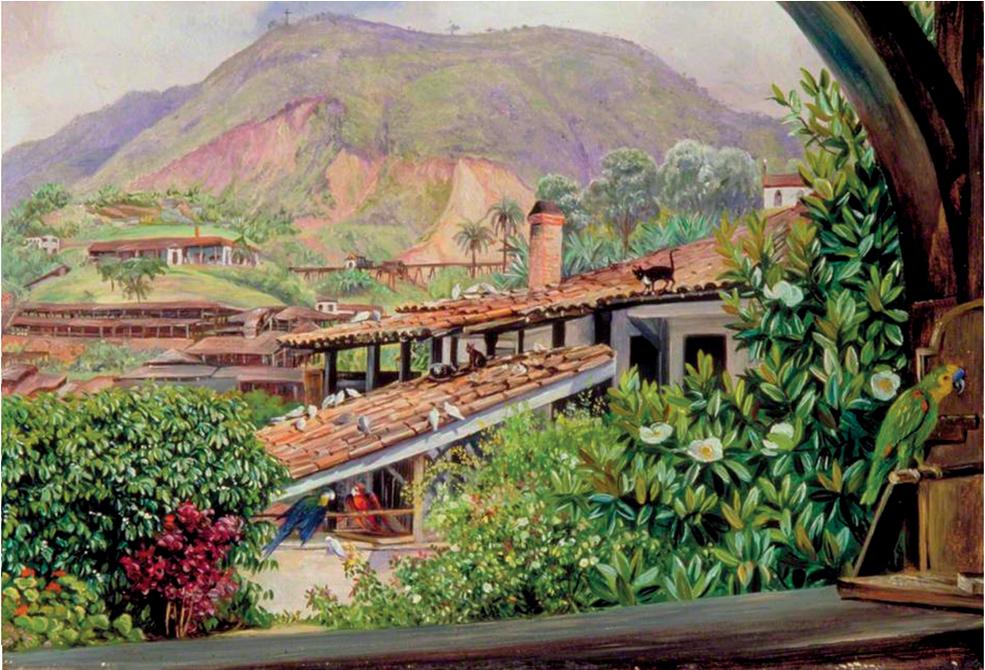


Figura 2 - Pinturas de Marianne North representando cenários brasileiros. No alto “Vista das velhas minas de ouro da varanda de Morro Velho”; abaixo a esquerda “O aqueduto de Morro Velho” e abaixo a direita “Vista sob as samambaias em Gongo, Brasil”. Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew. 2018. Marianne North: the Kew Collection. London: Kew Publishing.

Entretanto, Rio de Janeiro e Minas Gerais são citados como localização de um quarto dos quadros, respectivamente (Dickenson, 2000). No começo de setembro de 1873, Marianne retornou para a Inglaterra deixando como um de seus últimos comentários sobre a região: “Eu não pintei? E vaguei e me maravilhei com tudo? Cada rocha trazia em si uma coleção adequada para enfeitar qualquer jardim de inverno na Inglaterra” (North, 1894a: 187).

MARIANNE NORTH: ARTISTA OU NATURALISTA?

Um questionamento sobre Marianne North é sobre como sua carreira pode ser definida: como uma artista ou como uma naturalista. Marianne adorava pintar flores, o que poderia ser considerado uma ocupação aceitável para uma mulher na época, visto que não era comum que as mulheres ricas do século XIX trabalhassem.

Como apresentado nas seções anteriores, ela foi introduzida a botânica por esta se tratar de uma disciplina aceitável para que mulheres aprendessem. Desta forma, na época, a própria ilustração botânica não era tratada de forma geral como uma disciplina científica e sim como uma forma de arte (Sheffield, 2013).

North já partia de um método de pintura incomum usando tintas à óleo, o que constatava com a forma mais convencional de se retratar espécimes botânicos na época, onde aquarelas eram consideradas como a norma técnica. Desta forma a ilustração poderia ser reproduzida mais facilmente em uma litografia, bem como expressar melhor a delicadeza e translucência das flores (De Bray, 1989).

Outro ponto de contraste é o fato de os quadros de Marianne representarem cenas carregadas de elementos, como pássaros e insetos interagindo com as plantas retra-

tadas, fugindo das ilustrações tradicionais feitas num fundo branco. Esse era o padrão que servia para facilitar a identificação dos espécimes ilustrados, sendo essa uma recomendação usada desde a época da publicação da *Philosophia Botanica* de Linneu (Freer, 2003; Sheffield, 2013).

Recentemente, foi sugerido que a forma de Marianne retratar seus espécimes botânicos poderia ter uma maior influência da escola de pensamento Darwiniana. North encontrou pessoalmente um já envelhecido Darwin em 1881 e logo fica claro sua admiração por sua figura, onde cita: “Ele era, na minha opinião, o maior homem vivo, o mais sincero, assim como o mais altruísta e modesto, sempre tentando dar aos outros o crédito por suas próprias ideias e pensamentos” (North, 1894b: 89). Foi também por recomendação de Darwin que Marianne decidiu incluir a Austrália, Tasmânia e Nova Zelândia como futuros destinos de suas viagens, com o objetivo de fazer um estudo mais completo sobre a flora terrestre (North, 1894b: 90).

Sendo assim, é possível que a forma que Marianne North escolheu para retratar seus espécimes botânicos, como indivíduos que interagem com o meio e não como organismos passivos, derive de uma visão pautada pelas ideias de Darwin. Esta tese é defendida atualmente por Philip Kerrigan (2010), onde a “perspectiva Darwiniana [seguida por North] requeria que a planta fosse representada como um indivíduo moldado pelo seu meio” (Kerrigan, 2010: 5). É provável que, se a fuga do típico padrão Linneano de representação em seus quadros não fosse proposital, pelo menos foi moldado de alguma forma por seu grande interesse nas ideias de Charles Darwin.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir da década de 1870, que Ma-

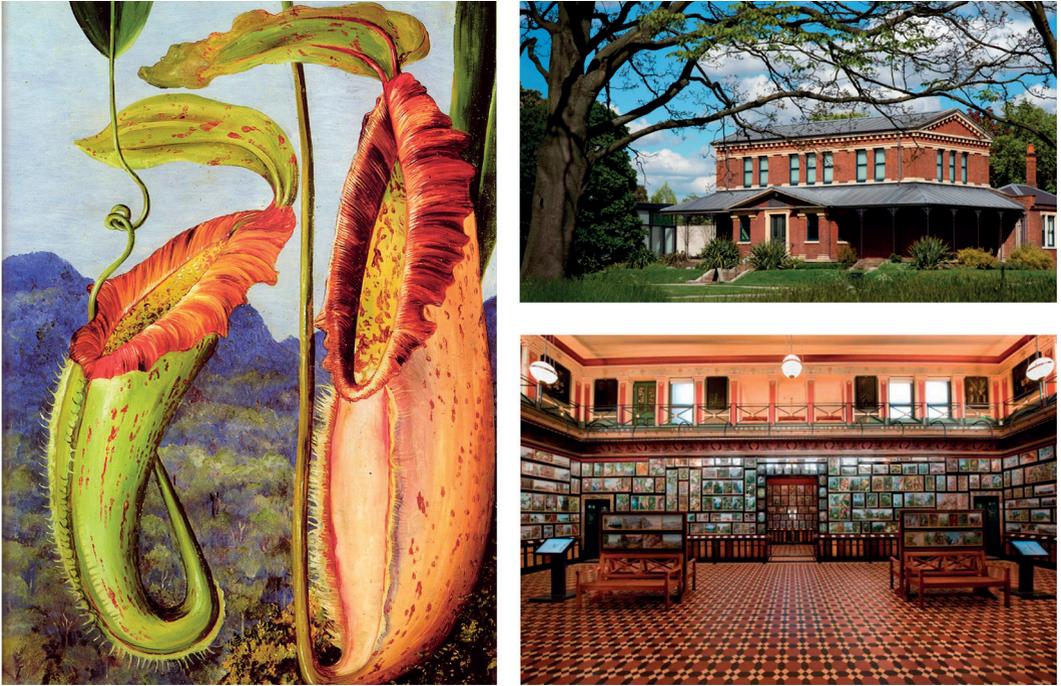


Figura 3 - Contribuições de Marianne North. A esquerda ilustração de uma planta de jarro de Bornéu, posteriormente nomeada como *Nepenthes northiana*, em homenagem a autora; acima a direita vista externa e a esquerda vista interna da Galeria North nos Jardins Kew. Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew. 2018. Marianne North: the Kew Collection. London: Kew Publishing.

rienne North iniciou sua série de viagens por vários países, como Canadá, Estados Unidos, Jamaica, Brasil, Chile, Japão, Índia, Austrália, Nova Zelândia, Egito, Síria e África do Sul, viagens essas que poderiam durar um ano cada. Ao todo, suas viagens ao redor do mundo, divididas em nove expedições, tiveram como resultado cerca de 830 ilustrações (Millard *et al.*, 2011), onde foram representadas 727 gêneros e mais de 1000 espécies diferentes (Huxley, 1980).

As diferentes excursões de North também renderam descobertas de novas espécies de plantas. Joseph Hooker (1867) identificou pelo menos quatro espécies novas entre suas pinturas. Enquanto esteve em Sarawak, colônia britânica na ilha de Bornéu, por exemplo, North observou a maior planta de jarro

carnívora já registrada, também nomeada por Hooker como *Nepenthes northiana*, em sua homenagem, exemplificada na Figura 3.

Quando retornou da Índia, North achou tão cansativo mostrar suas pinturas aos visitantes em seu apartamento de Londres, que ela as expôs em uma galeria por dois meses para que fossem acessíveis ao público. A apresentação foi tão bem-sucedida que ela começou a pensar em um lar permanente para sua arte. Ela perguntou a Sir Joseph Hooker se ele concordaria em construir uma galeria para suas pinturas nos Jardins Botânicos Reais em Kew, financiada por sua própria herança. Ele aceitou a oferta e em 1882 a exposição de Marianne foi inaugurada, sendo esta a única galeria permanente dedicada a um único autor presente nos Jardins.

Marianne North desafiou os papéis típicos esperados para uma mulher vitoriana (Segadilha e Gomes, 2016), durante uma época em que a sociedade limitava muito as oportunidades das mulheres para viajar e explorar o mundo. Inclusive, visitou regiões pouco exploradas, mesmo por seus pares masculinos, como o interior do Brasil.

Infelizmente, segundo Anthony Julian Huxley (1920-1992), os diários de viagem de North ocultaram as difíceis condições das viagens que ela suportou. Na introdução de *A Vision of Eden* (1980), Huxley descreveu como Marianne mencionou as condições de viagem: “Sol escaldante, chuva torrencial, condições terríveis da estrada, enjoo, sanguessugas e aranhas gigantes e acomodações insalubres são todos descartados em algumas palavras arejadas” (Huxley, 1980: 12-13). A importância de Marianne ter viajado sozinha está relacionada com sua capacidade de desafiar os estereótipos de gênero de sua época e abrir novos caminhos para as mulheres. Ao viajar pelo mundo, ela foi capaz de expandir seus horizontes e explorar novas culturas e paisagens, desenvolvendo sua habilidade como artista botânica e por que não, como uma naturalista.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos editores Agustín Martinelli e Sergio Bogan pelas revisões sugeridas.

BIBLIOGRAFÍA

Dickenson, J. (2000). Marianne North: uma naturalista do século dezenove no Brasil?. *Cadernos Pagu*, 15, 145-164.

Gazzola, A.L.A. (2008). O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. *Revista Estudos Feministas*, 16, 1031-1045.

Hooker, W.J. (1867). *Hooker's Icones plantarum* (Vol. 1). Bentham-Moxon Trustees.

Hughes, K. (2009). Marianne North: the flower huntress. *The Telegraph*. 20 March 2009. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/gardening/5012141/Marianne-North-The-flower-huntress.html>> Acesso em: 22/01/2023

Huxley, A.J. (1980). Introduction. *Em: North, M. A vision of Eden: The life and work of Marianne North*. New York: Webb & Bower Publisher.

Kerrigan, P. (2010). Marianne North: painting a Darwinian vision. *Visual Culture in Britain*, 11(1), 1-24.

Losano, A. (1997). A preference for vegetables: the travel writings and botanical art of Marianne North. *Women's Studies: An Interdisciplinary Journal*, 26(5), 423-448.

Middleton, D. (2004). North, Marianne (1830-1890). *Em: Harrison, B. e Matthew, H. C. G. (eds). Oxford Dictionary of National Biography*. vol. 41 (Norbury-Osborn), pp, 109-110. Oxford: Oxford University Press.

Millard, T., Le Cornu, E., Smith, R., Hasler, E., Cowdy, H., Chisholm, R. e King, E. 2011. The conservation of 830 oil paintings on paper by Marianne North. *Journal of the Institute of Conservation*, 34(2), 159-172.

Morgan, S. 1996. *Place Matters: Gendered geography in Victorian women's travel books about Southeast Asia*. New Brunswick: Rutgers University Press.

North, M. (1894a). *Recollections of a happy life - Being the autobiography of Marianne North*. Vol. 1. New York: MacMillan and Co. Disponível em: <<https://ia902706.us.archive.org/8/items/recollectionsof-01nortuoft/recollectionsof01nortuoft.pdf>> Acesso em: 10/12/2022.

North, M. (1894b). *Recollections of a happy life - Being the autobiography of Marianne North*. Vol. 2. New York: MacMillan and Co. Disponível em: <<https://ia600200.us.archive.org/22/items/recollectionsofh02nortuoft/recollectionsofh02nortuoft.pdf>> Acesso em: 10/12/2022.

Ponsonby, L. (2009). Marianne North in Asia. *Asian Affairs*, 40(3), 391-407.

Ryall, A. (2008). The world according to Marianne North, a nineteenth-century female Linnaean. *Tijdschrift voor Skandinavistiek*, 29(1-2), 176-218.

Segadilha, L. e Gomes, R. G. (2016). Marianne North e Margaret Mee: artistas botânicas no Brasil pós-colonial. *Letras Escrive*, 6(1), 44-56.

Shteir, A. B. (1996). *Cultivating women, cultivating science: Flora's daughters and botany in England, 1760-1860*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Recibido: 02/03/2023 - Aceptado: 19/04/2023 - Publicado: 15/06/2023